

RESENHA

SANTOS, A. B. dos. *A terra dá, a terra quer*. Imagens de Santídio Pereira. Texto de orelha de Malcom Ferdinand. São Paulo: Ubu Editora / PISEAGRAMA, 2023. 112 p.

O QUE A TERRA ENSINA: CONTRACOLONIZAÇÃO, ECOLOGIA E EXPERIÊNCIA EM NÊGO BISPO

WHAT THE EARTH TEACHES: COUNTER-COLONIZATION, ECOLOGY, AND EXPERIENCE IN NÊGO BISPO

375

Adaylson Vasconcelos*

Ao mergulhar em *A terra dá, a terra quer*, de Antônio Bispo dos Santos, o leitor é convidado a uma experiência que ultrapassa os limites da leitura e se converte em vivência. Publicada em 2023 pela Ubu Editora em coedição com a PISEAGRAMA, a obra se apresenta como uma espécie de manifesto existencial, epistemológico e político, tecido nas tramas do cotidiano quilombola do Piauí. Nêgo Bispo, como é conhecido o autor, não apenas relata, mas encarna em sua escrita a força de uma existência marcada pelo enfrentamento das estruturas coloniais, pelo diálogo com a terra e pela celebração da ancestralidade. Sua

* Doutor em Letras pela Universidade Federal da Paraíba. Docente no Instituto Federal da Paraíba, Campus Monteiro.

prosa, densa e poética, é instrumento de resistência e invenção de novos mundos, convocando o leitor a abandonar a lógica linear do pensamento ocidental e a se deixar conduzir por uma circularidade que remete aos ciclos da terra, da vida e da memória coletiva.

Desde as primeiras linhas, salta aos olhos a singularidade da linguagem empregada. Bispo constrói um léxico próprio, mesclando expressões da oralidade piauiense, neologismos e uma ironia afiada, que confere ao texto um tom lúdico e provocador. Esse jogo linguístico não é mero artifício estético, mas expressão de uma cosmovisão em que saber e vida se entrelaçam, onde o conhecimento é transmitido pela fala, pelo gesto, pelo ritual e pela relação com o entorno. O autor convida o leitor a participar de uma sabedoria circular, que emerge do diálogo com a terra e os ciclos naturais, desafiando os fundamentos dos estudos culturais ao demonstrar como os saberes tradicionais operam fora dos cânones acadêmicos, privilegiando a transmissão geracional e a experiência corpórea sobre a teorização abstrata.

376

O conceito central do livro, a contracolonização, é apresentado como alternativa ao discurso decolonial, que Bispo considera ainda preso a certas amarras coloniais. Contracolonizar não significa simplesmente inverter a lógica do colonizador, mas resgatar modos de vida anteriores à colonização, fundados no respeito à terra e na valorização dos saberes ancestrais. O autor propõe uma verdadeira guerra das palavras, desconstruindo terminologias impostas e ressignificando a linguagem como espaço de luta e afirmação identitária. O texto se transforma em campo de batalha simbólica, onde cada termo é disputado e reinventado, criando um léxico insurgente que recusa a nomenclatura colonial. Essa guerra semântica não é mero exercício retórico, mas estratégia de sobrevivência cultural que reconecta palavra e mundo.

A crítica ao universalismo é outro eixo fundamental da obra. Bispo denuncia a pretensão de impor uma única forma de ser, pensar e viver, que ignora a pluralidade de mundos que coexistem no Brasil e no planeta. Ele propõe uma perspectiva “diversal”, que reconhece e valoriza a diferença, entendendo que só a partir do respeito à multiplicidade de experiências é possível construir

relações mais justas e sustentáveis. No campo dos estudos da negritude, a obra transcende a discussão identitária ao apresentar o quilombo não como refúgio estático, mas como espaço dinâmico de reinvenção cultural. A identidade negra é desenhada como processo contínuo, onde matrizes africanas, indígenas e europeias se recombinaem em práticas cotidianas de resistência. Essa visão desmonta a lógica binária colonizador-colonizado, substituindo-a por uma cartografia complexa de fronteiras móveis.

A dimensão ecológica de *A terra dá, a terra quer* conecta-se organicamente à crítica política. A relação com a terra é apresentada como pacto de reciprocidade - um sistema de dádiva e retribuição que subverte a lógica extrativista. Bispo expõe a contradição fundamental das políticas ambientais contemporâneas: enquanto criminalizam práticas ancestrais de cultivo, legitimam modelos predatórios sob o rótulo de “desenvolvimento”. Sua crítica à mercantilização da vida ecoa os princípios da ecologia política ao vincular degradação ambiental à exploração social, demonstrando como o racismo estrutural se manifesta na distribuição desigual dos danos ecológicos. O cultivo, nessa perspectiva, não segue calendários impostos, mas se orienta pelos sinais da terra e dos ciclos naturais. O autor enfatiza que esse conhecimento é cósmico, transmitido pela oralidade e pela experiência cotidiana, e não apenas por instituições formais. A terra, portanto, é vista como mãe, parceira e protagonista, cuja voz precisa ser ouvida e respeitada.

A temporalidade quilombola apresentada na obra constitui contraponto radical à aceleração capitalista. O tempo circular, regido pelas estações e pelos ritmos da terra, confronta a noção linear de progresso. Essa percepção temporal revela-se especialmente potente no tratamento da memória, onde passado e presente se entrelaçam em narrativas que funcionam como antídotos contra o apagamento histórico. A ancestralidade não é culto mortuário, mas força viva que orienta o presente e projeta futuros possíveis. O livro mantém tensão produtiva entre local e global: enraizada no Saco Curtume, sua reflexão alcança o planeta ao questionar modelos energéticos, alimentares e de habitação. O quilombo não é apresentado como enclave isolado, mas como nodo em rede de

resistências globais, mostrando como lutas locais se conectam a movimentos anticoloniais mais amplos.

A crítica à urbanização capitalista ganha profundidade na análise das alianças políticas propostas. A imagem do “asfalto que derrete” simboliza não a destruição, mas a transmutação de estruturas opressoras quando quilombos, favelas e aldeias tecem solidariedades. Bispo sugere que a verdadeira sustentabilidade emerge dessas redes de cooperação que ignoram fronteiras impostas, criando geografias afetivas baseadas na reciprocidade. A empatia do autor com os mais vulneráveis é uma marca constante do texto. Sua escrita é atravessada por uma profunda sensibilidade para com as dores e as alegrias das comunidades negras e indígenas, sem cair no sentimentalismo fácil. *A terra dá, a terra quer* se apresenta como manual de sobrevivência e luta, que convida o leitor a repensar suas próprias práticas e a se engajar na construção de um mundo mais justo e sustentável.

378

Na esfera da produção cultural, o livro desafia dicotomias estéticas. A fusão entre arte e artesanato, entre poesia e trabalho manual, desmonta hierarquias que separam criação intelectual e material. As referências à casa de telhas de adobe cru e palha não são nostalgia, mas demonstração de tecnologias sociais que integram habitação, ecossistema e cosmovisão. Essa abordagem oferece contribuição fundamental aos estudos ambientais ao demonstrar como soluções técnicas desconectadas de contextos culturais perpetuam colonialismos. A relação entre humanos e não-humanos é redefinida na obra através de uma ontologia relacional. Plantas, animais e elementos cósmicos são apresentados como sujeitos políticos, não recursos. Essa visão ecoa correntes contemporâneas da ecocrítica, porém com singularidade: a agência dos não-humanos não é abstração teórica, mas experiência vivida no manejo da terra e na leitura dos sinais climáticos. A sabedoria quilombola emerge assim como sistema integrado de conhecimento ecológico, onde classificação botânica e significado cultural são indissociáveis.

A recepção da obra no meio acadêmico testemunha seu potencial transformador. Mais que objeto de estudo, o livro interpela metodologias de

pesquisa, desafiando estudiosos a repensarem protocolos de investigação, formas de validação do conhecimento e relações com sujeitos pesquisados. Sugere implicitamente que o verdadeiro diálogo interepistêmico exige não inclusão condescendente, mas desaprendizado ativo de pressupostos coloniais ainda presentes nas ciências humanas. A atualidade do pensamento de Bispo ressoa com força especial em tempos de colapso ecológico. Sua defesa da circularidade - contra a linearidade extrativista - oferece chave para repensar economias. Sua crítica ao produtivismo não é regressiva, mas aponta para modos de vida que equilibram necessidade material e plenitude existencial. O “começo, meio e começo” quilombola surge como antídoto à lógica do fim do mundo, propondo temporalidades regenerativas.

A força da obra reside nessa articulação única entre denúncia e proposição. Cada crítica ao modelo hegemônico vem acompanhada de alternativa concreta gestada na experiência quilombola. Essa positividade não é utópica, mas fruto de práticas já existentes, o que confere ao texto caráter simultaneamente profético e pragmático. O livro não apenas descreve mundos possíveis, mas demonstra sua viabilidade através do testemunho de quem os habita, se firmando, assim, como referência incontornável para quem deseja compreender as complexidades do Brasil contemporâneo, as lutas das comunidades quilombolas e indígenas e os desafios da sustentabilidade ambiental. *A terra dá, a terra quer* desafia fronteiras disciplinares, propondo uma abordagem transdisciplinar e dialógica, que valoriza a experiência, a oralidade e a relação com a natureza. Em um tempo marcado por crises ambientais, sociais e políticas, a obra de Antônio Bispo dos Santos emerge como farol para aqueles que buscam caminhos de resistência, invenção e esperança.